



# Estudos Geográficos

*Revista Eletrônica de Geografia*

## “Meu corpo é um luxo”: corporeidade como prática vivencial das travestis

David Alves<sup>1</sup>  
Nilson Almino de Freiras<sup>2</sup>

**Resumo:** A escrita traz reflexões sobre um estudo teórico e empírico a respeito da corporeidade travesti e suas relações sociais constituintes na contemporaneidade. A narrativa foi construída por meio do relato de dez travestis residentes do bairro Benfica, situado na cidade de Fortaleza. A operacionalização metodológica foi fragmentada mediante as etapas de revisão bibliográfica, trabalho de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas e observação participante anotando o máximo de informações no diário de campo. As transmutações corpóreas carregam a superação e resistência de uma padronização heteronormativa. A suntuosidade de mudanças no corpo realça os desafios e dificuldades de se manterem viveis na sociedade. Introduzir no debate geográfico pensamentos pertinentes a essas particularidades é contribuir para uma visão polissêmica.

**Palavras-chave:** Travestis; Corporeidade; Resistência; Corpo; Vivencial.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará. E-mail: [davidalves\\_santos@hotmail.com](mailto:davidalves_santos@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0324-3131> E-mail: [nilson\\_almino@uvanet.br](mailto:nilson_almino@uvanet.br)



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

## "MY BODY IS A LUXURY": CORPOREALITY AS A LIVING PRACTICE OF CROSSDRESSERS

**Abstract:** The writing brings reflections on theoretical and empirical study regarding crossdressers corporeality and its constituent social relations in contemporary times. The narrative was constructed through the accounts of ten crossdressers living in the Benfica neighborhood, located in the city of Fortaleza. The methodological operationalization was fragmented through the stages of bibliographic review, fieldwork with semi-structured interviews and participant observation, recording as much information as possible in the field diary. Bodily transmutations carry the overcoming and resistance of heteronormative standardization. The sumptuous changes in the body highlight the challenges and difficulties of remaining alive in society. Introducing thoughts relevant to these particularities into the geographic debate is contributing to a polysemic vision.

**Keywords:** Crossdressers; Corporeality; Resistance; Body; Living.

## "MON CORPS EST UM LUXE": LA CORPORÉITÉ COMME PRATIQUE VIVANTE DES TRAVESTIS

**Résumé:** L'écrit apporte des réflexions sur une étude théorique et empirique concernant la corporeité travestie et ses relations sociales constitutives à l'époque contemporaine. Le récit a été construit à travers les témoignages de dix travestis vivant dans le quartier de Benfica, situé dans la ville de Fortaleza. L'opérationnalisation méthodologique a été fragmentée à travers les étapes de revue bibliographique, de travail de terrain avec des entretiens semi-structurés et d'observation participante, en enregistrant autant d'informations que possible dans le journal de terrain. Les transformations corporelles impliquent de surmonter et de résister à la standardisation hétéronormative. L'ampleur même des changements corporels met en lumière les défis et les difficultés à rester viable en société. Intégrer des réflexions pertinentes à ces particularités dans le débat géographique contribue à une perspective polysémique.

**Mot-clé:** Travestis; Corporeité; Résistance; Corps; Vivante.

## INTRODUÇÃO

O trabalho realizou uma investigação para o estudo empírico e teórico sobre o corpo e corporeidade das travestis e sua contextualização dentro do bairro Benfica, em Fortaleza, capital do estado brasileiro do Ceará realizado de acordo com as práticas socioespaciais.

Dito isto, é preciso evidenciar a pluralidade cultural no meio acadêmico, explicitando discussões que permeiam estes sujeitos que apenas no século XX receberam certo protagonismo graças à bravura de pesquisadores e pesquisadoras que sobrepujaram as relações hierárquicas. Silva e Ornati (2016) ressaltam que a Geografia vem consolidando os estudos das relações de gênero e sexualidade desde meados dos anos 90.

É fundamental que esta ciência se desabotoe para a diversidade, buscando compreender e valorizar a concepção dos grupos subalternos, levando em consideração e validando suas formas de conhecimento.

A ciência geográfica vai funcionar como uma ferramenta que visa apreender os procedimentos que compõem as relações sociais e a diversidade cultural, tal como os anseios que atravessam o dia a dia dos grupos sociais excluídos. Para Massey (2008) existem inúmeras Geografia que estudam ou utilizam dos inúmeros sujeitos sociais e suas dinâmicas espaciais para compreender a organização do espaço e modo de vida. Esses debates e tensões são necessários para uma melhor assimilação das relações sociais e como são estruturadas.

A pós-modernidade traz consigo o entendimento de novas categorias e teorizações sobre a composição do indivíduo e seus corpos sexuados, enfatizando o papel do Estado e da sociedade na formação, criação e constituição da identidade.

Evidenciamos que o corpo travesti no espaço se torna um meio simbólico através de um dinamismo extensivo que atravessa e vai além de uma discussão sobre a anatomia e a forma. Apresenta assim a corporeidade que proporciona a constituição de estilos como uma importante construção de significações e subjetividades que funcionam como instrumentos de resistência a opressões culturais e morais. “A corporeidade humana integra em si diversos tempos e espaços, e a sua arqueologia reúne camadas evolutivas que compõem a estratigrafia de cada indivíduo, pois incorpora história, memória, racionalidade e afetividade” (Nunes, 2007, p. 162).

Os traços e gestos se integram e validam o corpo das travestis que se utilizam dessas técnicas para construir e lutar pelos seus espaços que proporciona nas transformações a partir da resistência a opressões morais importas ao seu corpo.

Dias (2020) descreve que a materialidade do corpo é uma potente ferramenta para desconstruir noções binárias de ensino, pois o corpo em trânsito desestrutura a visualidade de gênero cismotivativa. O corpo travesti deve ser tratado também como um ser político de pertencimento, olhando tudo ao seu redor e se reconheça como indivíduo que pertence aquele espaço sendo um elemento de transformação.

O corpo travesti é um instrumento potente para agenciar esforços de territorialização do bairro Benfica, batalhando pelos limites do território e definindo geossímbolos com propriedades delimitas por elas no espaço, conectada com outros lugares, criando circuitos de circulação que são agenciados por lugares centrais para elas.

A acepção da metodologia de pesquisa precisa estar em similitude com os objetivos apresentados. A característica fundamental é a busca pela aproximação com os sujeitos da pesquisa, as travestis, que são o grupo focal desta pesquisa. Dentro de um panorama crítico, parte-se do ponto de vista epistemológico e prático e suas relações de construção, produção e análise.

Os procedimentos metodológicos resultam em uma súmula sistemática durante todo o percurso da investigação, visto que todas as etapas são primordiais para a concretização da operação estrutural não sendo apenas técnicas pontuais, mas, processos permanentes em constante construção.

Perante essas mudanças, a ciência geográfica deve abarcar novos sentidos de acordo com as atuais realidades relevantes. Deste modo, novas perspectivas serão traçadas para produção do conhecimento.

## **PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

### **Metodologia**

Esta breve reflexão tem o interesse de provocar o debate a respeito de qual ciência, conhecimento e universidade estamos estruturando e produzindo, visto que determinados grupos não atuam diretamente do desenvolvimento de elaboração da sapiência, pois os saberes dos marginalizados serão sempre excluídos, menosprezados, abafados e silenciados, pelo movimento majoritário, a construção de um arco-íris no pensamento científico é simbólico, mas, sobretudo é político.

Desta forma, cientistas, pesquisadores (as), autores (as) e travestis dialogam juntos de acordo com o entendimento e pensamento de cada um, pois, toda realidade é concernente, suscetível e fragmentada. A veracidade não se faz somente da analogia com a realidade, mas das vivências, experiências, hábitos e sentidos que os indivíduos experienciam. A ciência que aqui construímos é subversiva, marginal, maldita e proscrita, mas acima de tudo, ela é geográfica.

Deixo claro que esta pesquisa jamais foi escrita por duas mãos, são diversas mãos que se enlaçam e constroem este trabalho. Essa investigação é fruto da união que se encontram e interagem para construir narrativas que descortinam a geograficidade.

Promover procedimentos que não são frequentes dentro da comunidade científica não é um trabalho simples, pois implica em desconstruir costumes

conceituais já consistentes na epistemologia. Massey (2008) fala que é preciso romper com essa hegemonia masculina dentro do discurso geográfico como a única narrativa existente. Faz-se necessário esse rompimento com a finalidade de incluir as vivências dos grupos subalternos para que o espaço não se reduza às homogeneidades.

São temáticas apontadas como transversais, isto é, transcorrem sobre as mais variadas áreas do conhecimento dando a Geografia a possibilidade de investigação da interdisciplinaridade. Silva, Nabozny e Ornat (2010) comunicam que é neste contexto que surge a Geografia das Sexualidades através de um caminho crítico ao qual desenvolvem os estudos da sexualidade. Sucintamente, esta subárea tem se apresentado como uma conjuntura para amplificar seus aportes teórico-metodológicos para a elaboração de espaços que antes eram engessados e agora passam a ser multiculturais.

Este estudo baseia-se em instrumentos metodológicos que atravessam a análise crítica da temática investigada. É possível verificar que através da sintetização e agregação dos resultados desta pesquisa mediante os detalhes e estruturas fez com que a compreensão do tema fosse aprofundada de forma satisfatória. Nesta lógica, as considerações teóricas que expomos nesta investigação procura reconhecer, debater e argumentar da melhor forma o pensamento geográfico de acordo com os relatos das travestis entrevistadas.

Para uma melhor compreensão do suporte teórico a respeito dos conceitos dispostos, utilizamos de técnicas que propiciam obter informações na construção dos procedimentos metodológicos, vale destacar que não seguimos um script fechado, entendendo que a busca e assimilação de dados permitem uma absorção da realidade.

Através da revisão bibliográfica pretendemos empreender uma maior investigação nas discussões concernentes de acordo com os autores (as) que possuem grande compreensão sobre o assunto abordado. Prodanov e Freitas (2013) enfatizam que a pesquisa bibliográfica se delineia em concordância com a temática, visando assim, se basear em fundamentos teóricos para construção deste trabalho. Por essa razão, devemos selecionar e compreender as leituras através de monografias, dissertações, teses, artigos, livros, relatórios técnicos, manuais, periódicos e compêndios recorrentes aos conceitos utilizados.

Em síntese, esta etapa não se conforma enquanto atividade autônoma, mas complementar ao restante do arcabouço teórico sustentado com a finalidade de fortalecer a linha temporal que nos levou até este momento.

O trabalho de campo se caracteriza a partir de um modo de entrevista semiestruturada e observação participante com intuito de uma aproximação maior com as travestis. Foram dias de constantes aprendizados, todos pela tarde, pois é o período em que as mesmas saem para comprar algo. Nessas andanças pudemos observar seu comportamento, ações e simbolismos no espaço.

É interessante notar que as travestis já se fundem as sociabilidades corriqueiras do bairro, desde um nome para fazer compras fiado até mesmo a sentar na calçada e comer algo na lanchonete que costumam ir frequentemente.

O diário de campo foi utilizado como fonte de observação aqui exposto, com as anotações das falas registradas ao longo do diálogo e exibidas no decorrer desta explanação enfatizando as reflexões empíricas. Assimilamos o relato individual de cada uma como uma disposição pessoal da memória das interlocutoras que pretendem causar um misto de sensações e emoções nos leitores. Por sua vez, o pesquisador editou e deu significado conforme o que conseguiu absorver.

A pesquisa de campo não foi simples, as travestis que entrevistamos não queriam falar muito e se mostravam desconfiadas, com muita persistência conseguimos marcar as entrevistas de acordo com suas disponibilidades de dias e horários, sendo a maioria pelo período da tarde.

No trabalho de campo a descrição é estabelecida conforme o tempo e espaço propício das travestis. Assim sendo, o mais significativo para nós é o dito e o não dito entrelaçado com os cinco sentidos e os elementos simbólicos que estruturam e contribuem para narrativas significativas. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais a partir da presença de longa duração de um pesquisador-observador convivendo com o grupo que ele estuda.

O caderno de campo é benéfico para isso, pois, auxiliou tanto nas anotações das falas das entrevistas, como nas experiências próprias vividas pelo autor no contato e convívio com as travestis.

O caderno de campo não é um texto secreto, é um estoque de materiais para utilizar sem preconceito, mas cientes dos seus propósitos. Permitindo mais tarde a análise do desenvolvimento da pesquisa, propiciando na medida do possível uma

autoanálise. O grande empenho metodológico a ser exercido é o de designar uma praticabilidade à concretização da pesquisa e de planejar perspectivas futuras.

Adoto o modelo de entrevista semiestrutura com a finalidade de oferecer maior liberdade para as entrevistadas discorrerem sobre suas particularidades deixando em aberto para levantarem questionamentos, dúvidas e opiniões acerca da pesquisa.

No que concerne à entrevista, buscamos descontruir alguns mitos relacionados à memória, pois o que se aplica é a fala das entrevistadas utilizando como fonte suas memórias. O tempo presente é quem vai nos orientar e selecionar o que entendemos como importante para expor neste estudo. Nem tudo é contado ou dito, pois, dispomos de uma perspectiva ou ponto de vista pessoal.

É preciso muita criatividade e observação para compreender o depoimento da minha interlocutora, pois, muita coisa importante não está contida nele, mas fora dele. O que se busca são diferentes princípios de verdade socialmente construídos no contexto do grupo estudado.

Meyer e Paraíso (2012) aponta que assim é possível entender que as entrevistas se transformam em entrevistas narrativas e o próprio ato de pesquisar produz-se em um ato político, em arte e inventividade. Durante toda a realização das entrevistas utilizamos a observação participante com o objetivo de aproximar o pesquisador e o indivíduo pesquisado, os colocando no mesmo patamar de sociabilidade e discursos.

O resultado das travestis de compartilharem suas histórias não se delimita simplesmente em exibir os acontecimentos do seu cotidiano, mas, além disso, é uma forma de existir, reexistir e de compartilhar a sua existência com toda a sociedade. É também uma forma de afeto, a narrativa é intercessora, intervensora e tende a afetar, não só o entrevistador, já que ela sabe que a narrativa vai transitar também por outros públicos (leitores do trabalho).

### **Corpo e corporeidade travesti: um olhar geográfico**

É necessário que a Geografia possa se debruçar nos debates acerca do corpo e corporeidade das travestis com a finalidade de entender a criticidade desta temática. Iremos conceituar o corpo enquanto ato político, social e cultural de pertencimento das travestis e a corporeidade como ações experienciadas na busca pelo seu reconhecimento identitário.

Alguns corpos são apontados e frisados como divergentes e marginais, estando relacionados há certos espaços, conforme o discurso dominante. Gonçalves (2019) revela que esses corpos marginalizados são tidos como fantasmas na cidade contemporânea e a partir de estratégias busca fomentar uma investigação científico-política conforme aqueles sujeitos pesquisados. Compreendo que minha corporalidade marca um afastamento com as travestis investigadas e que suas espacialidades destoam das minhas.

Por ser um homem cisgênero reconheço meus privilégios e sei que minha realidade é bem diferente das delas. O meu corpo consegue caminhar pela sociedade por todos os períodos do dia muitas vezes sem ser notado e nem ser motivo de gozação e deboche.

O corpo decorre da subjetividade repleto de desejos, memórias, ações e sensações, desta forma ele desponta não apenas como um meio de mudança corpórea, mas como um instrumento de corporeidade que traz consigo comportamentos e práticas próprias das travestis. Para Certeau (2008), as narrativas sustentam as práticas sociais que se debruçam sobre o corpo, na contemporaneidade, merecem destaque. É um importante componente do espaço geográfico que, inseparavelmente, modifica e é modificado por esse.

A possibilidade de mudanças perpassa pelo corpo travesti, suas diretrizes de sensorialidade e ligação com a emocionalidade interpessoal estipula um entendimento melhor acerca dos seus interesses. Sant'anna (2005) comunica que cada corpo é historicamente construído conforme os sonhos e receios. É o que contemplaremos ao longo deste tópico com a fala das travestis entrevistadas que aglutinam novos horizontes através da relação funcional entre corpo e sujeito.

A concretude do corpo travesti é um abundante instrumento para desestruturar ideias binárias de comportamento e aprendizagem, pois como estes corpos estão em movimento, eles desconstroem essas visualidades cismárvatas. “As pessoas quando olham para a gente devem bater aquela dúvida, é homem ou mulher? Não estou aqui para agradar ninguém, eu sei de mim e é o que basta!” (Entrevista com a travesti Andiroba em Novembro de 2023).

O corpo travesti não existe apenas como uma fonte de depósito e encadeamento de referência. A construção diária ocorre baseada nas experiências e vontades compreendidas perceptivamente fazendo com que os olhares de julgamento ocorram por conta dessa não padronização binária que a sociedade exige e impõe.

A Geografia analisa as reações que observam o corpo travesti através de uma ótica marcada pela censura, estigma, agressividade e dor. “É difícil saber, você apanha mais nova do seu pai porque ainda é uma bichinha, aí você cresce, muda seu corpo e agora apanha de pessoas que você nem conhece porque é travesti” (Entrevista com a travesti Buriti em novembro de 2023).

Aqui ela mostra um corpo transgressor que não se enquadra no padrão binário de ser homem ou mulher. Toda transgressão é acompanhada de reações violentas que visam conservar uma perspectiva majoritária no campo das relações sociais que este corpo transgressor vive. O potencial de metamorfose da travesti provoca reações que naturalizam a biologia corporal de forma binária.

Portanto, estes corpos transformam o espaço geográfico, chamando atenção de uma sociedade cisheterossexual que condena compulsivamente aqueles corpos que não se enquadram nestas diretrizes e mesmo seguindo a margem da sociedade as travestis dispõem dessas mudanças corporais como formas de sobrevivência e conservação do seu pertencimento.

É uma forma de resistência no triplo sentido do conceito: autonomia, subjetivação da experiência vivida e luta pelo respeito à diversidade. O corpo funciona também como uma linguagem, através dele as concepções de masculino e feminino se materializam e examinam aos indivíduos suas particularidades sociais. Benedetti (2005) descreve o corpo como uma linguagem e efeito de práticas e valores sociais e culturais. Essa construção não é gerada apenas pela incorporação de silicones e hormônios, mas também pelas práticas e afetos por meio de afetos, desejos e vontades.

Essa construção do gênero feminino por meio de roupas, adereços, gestuais, maquiagem e plastificação do corpo para uma montagem do que é ser mulher transcorre pelo modo de vida, pelo cotidiano e pelas condutas e valores sociais e culturais. De acordo com Silva (2007), o corpo é praticado pelas travestis como vestimenta corrigível, costurável e enxertável. Essa transgressão se firma perante os truques, signos, gestuais e práticas da inserção travesti do que é ser mulher.

As alterações corporais estabelecem uma coerência individual que recai sobre as travestis possibilitando diversas formas de vivência, visibilidade e reexistência. “Olhar para meu corpo como ele é hoje me traz muita felicidade, pois agora me enxergo como uma mulher que sempre quis ser, demorou para ter tudo isso aqui, mas

meu corpo agora é um luxo!” (Entrevista com a travesti Carnaúba em Outubro de 2023).

A transitividade adaptável desses corpos se traduz nos caminhos e descaminhos dos projetos de silicone industrial perante a dor da beleza. “Não é nada fácil modelar o corpo como deseja, é muito sacrifício, doloroso e às vezes no final nem vale a pena. A gente molda mais pela gente mesmo, mas também para se sentir olhada e desejada pelos outros” (Entrevista com a travesti Jatobá em Novembro de 2022).

O corpo é seu território moral que se descreve como categoria de análise. Enfatizando o corpo como primeira condição territorial do ser. O corpo-território é um movimento que se encontra entrelaçado de forma inseparável. Haesbaert (2020) fala que o corpo é um território em si, chamado de corpo-território. É um espaço de resistência, construção de identidade e memória. O corpo carrega marcas da experiência pessoal, mas também coletivas. Acaba sendo um microcosmo do território maior que ocupa.

Território sempre em disputa, que pode ou não provocar adesões, alianças, mas também conflitos e tensões. As dinâmicas de controle, resistência e poder que ocorrem no espaço geográfico, se transfiguram no corpo individual também. Esta preocupação em modificar o corpo é para buscar sua existência, mesmo que estas dores de existir lhe tragam conflitos existenciais. O reconhecimento ao final de ser uma mulher cobiçada chamativa faz todo o esforço compensar. E afeta nas dinâmicas sócio-culturais-espaciais, provocando reações diversas ao seu redor. Por meio do corpo que as travestis conseguem constatar sua identidade e existência de acordo com a conjuntura indivíduo-meio, ao qual remete ao elemento complexo e sistematizado da corporeidade.

A travesti através de seu corpo luta pelo seu espaço, pela sobrevivência, pelo pertencer e pela vida por meio dessas redes que a todo custo tentam segregá-las. Ramos; Milani (2022) declaram que o corpo se distingue e se identifica como parte integrante do espaço e do tempo. Dito isto, as travestis utilizam desses espaços corporificados como meios de socialização, afetos, memórias e poder que partem da constante construção social e identitária, sendo assim, são na corporeidade que as travestis são e estão presentes no bairro.

Essas experiências através das relações consigo, com seus pares e com a sociedade revela a competência do sentir e apropriar do seu corpo como forma de

expressão e comunicação, ao qual chamamos de corporeidade. Schneider (2002) informa que esta perspectiva não delimita essas ações apenas as características biológicas, mas a contextualização de práticas sociais. É entender como ocorrem essas interações e como se constituem e são constituídos, e como suas espacialidades são apreendidas.

A hormonização aparece como um primeiro momento para moldar o corpo travesti, bem como, configuração para a fabricação e aplicação do silicone. De um lado, seu aspecto positivo é o de atuar na modelagem do corpo e modificações na voz, pelos e seios, por outro lado, como aspecto negativo reflete na diminuição da atuação sexual e alteração das emoções.

“Tomar hormônio é uma faca de dois gumes, a gente se sente realizada por estar fazendo essas aplicações para ser mais feminina, mas também tem os sintomas de tristeza e depressão que nos acompanha pela vida” (Entrevista com a travesti Oiti em novembro de 2022). Na maior parte do tempo, as travestis ficam no autocuidado com seus corpos na concepção de evitarem os traços masculinos e sobressaíram os femininos. Por esta razão, os hormônios atuam como um mecanismo essencial.

O silicone industrial também é outro forte componente da feminização das travestis, essas práticas específicas de bombar o corpo perpassam o delineamento das marcas masculinas e femininas e traçam um misto de sentimentos. Pelúcio (2009) comunica que a dor da beleza no universo travesti investe no conteúdo simbólico e nas dolorosas práticas estéticas que criam e mantêm a beleza feminina e que ajudam culturalmente a moldar o seu modo de ser.

O corpo travesti funciona como um procedimento que está sempre em constante modificação, ou seja, esses aprimoramentos, subterfúgios e aplicações fazem parte do itinerário da construção da travestilidade. As travestis trabalham em seus corpos métodos de transformação que tem início, mas não um final.

Producem marcas que atravessam o masculino e feminino. Benedetti (2005) contextualiza que as travestis remodelam seus corpos através de formas curvas e sinuosas, desenvolvendo um sistema complexo de interação social que é expresso na gesticulação, andar e técnicas e características femininas.

Isso demonstra que esses corpos são móveis, fluidos, vital e relacional, sua concretude não se encontra estática nas noções dominantes do masculino e feminino. “Não sou homem e nem mulher, sou travesti!” (Entrevista com a travesti Carnaúba em

Novembro de 2022). É justamente este dimensionamento corporal que rompe com a cismotividade, posicionando esses corpos como marcas de resistência.

Essas transformações corporais se desdobram junto à incorporação das mais variadas sensações que instituem suas narrativas de vida ao qual transcorrem pela corporeidade. “Para se manter presente na pista7 é preciso estar sempre bela, a primeira impressão que as pessoas notam ao nos olharem é o corpo, então é preciso muita coragem e disciplina para aguentar essas dores cotidianas” (Entrevista com a travesti Mangaba em novembro de 2023). O campo da prostituição também funciona como um ambiente no qual as travestis podem usufruir de suas corporalidades reiterando suas relações de sociabilidade.

É um resultado de troca de experiências sociais, culturais e íntimas no qual o corpo travesti junto com outros busca se remodelar dentro do espaço. E com essas interações, trajetórias e movimentos realizados pela corporeidade, alguns aspectos cambiantes acabam por trazer censuras e olhares depreciativos a esses corpos. “Essas violências são intensificadas com o início da transformação dos seus corpos, quando passam a ingerir grande quantidade de hormônios femininos e a usar roupas e acessórios de mulher permanentemente” (Kulick, 2008, p.65).

Essas práticas corporais acabam por passar mensagens e transmitir informações que na maior parte são decodificadas como depreciação, vulgaridade e abjeto, as impossibilitando de terem direitos essenciais às suas particularidades. Referimos-nos aos sujeitos que incutem uma cultura heteronormativa.

Essa nuance reiterada na corporeidade são registros de inclusão e exclusão, gerando assim conflitos socioespaciais. Butler (2008) destaca que a abjeção desses corpos é oriunda de rótulos e estigmas. Isso faz com que as travestis sejam marginalizadas e acabam por ocupar espaços restritos.

“Somos tachadas como pessoas imundas e que só pensam em sexo. Nossos corpos são vistos como impuros e rejeitados pelas pessoas aqui do bairro. O mais cruel é que essas mesmas pessoas acham isso mesmo sem trocar uma palavra com a gente” (Entrevista com a travesti Jucá em Novembro de 2023). São corpos sinalizados e carregados de conclusões pela sua não equivalência à heteronormatividade. Mesmo assim, as travestis buscam validar sua presença através de ferramentas próprias.

O espaço da prostituição se torna um importante campo de conhecimento do universo das travestis. Pelúcio (2009) declara que a rua/pista/avenida ainda parece

ser um espaço de referência mesmo para aquelas que não buscam ali clientes, apenas um lugar de reconhecimento. Nestes espaços elas aprendem a moldar seus corpos, tornando eles códigos de acordo com o formato, postura e vestuário, desvelando para os clientes e indivíduos que por ali passam capacidades de sentir prazer, repulsa ou perigo.

A corporeidade visa compreender essas mobilidades que se reproduzem no espaço, através de suas configurações e fenômenos ao qual desvelam aspectos vivenciais dos sujeitos. “Meu corpo foi sendo transformado aos poucos, fui moldando cada parte a meu gosto, sabendo que ao final eu estaria sendo uma mulher completa” (Entrevista com a travesti Aroeira em Novembro de 2022). O corpo funciona também como objeto de transformação e suas determinações possibilitam a produção de relações corpóreas com os fenômenos sociais e espaciais.

Esses mesmos corpos que se deslocam na sociedade carregam em sua posse os procedimentos exuberantes que divergem do que se buscam nos padrões hegemônicos, sendo essas construções cruzadas pelas mais variadas relações. Rubin (1993) enfatiza que essa transgressão no modo de se vestir, de se comportar e de manter relações impõe a elas a ridicularização e violências nos mais variados espaços em decorrência do borramento das fronteiras do dispositivo da heterossexualidade normativa compulsória. São corpos dissidentes e resistentes que se utilizam de instrumentos que flutuam através desse binário, assegurando sua fluidez da travestilidade.

É necessário desmistificar essas concepções do que é ser feminino ou masculino não reproduzindo a esses corpos um lugar de estaticidade. “Não buscamos aprovação de ninguém sobre nossos corpos, tem dias que me sinto mulher, tem dias que me sinto homem e tem dias que sou os dois e está tudo bem, não tem nada de diferente nisso” (Entrevista com a travesti Andiroba em Novembro de 2023).

Este contexto nos possibilita perceber que todas essas transformações não se delimitam as práticas específicas e imóveis aos papéis de gênero, vai mais além do que essas questões específicas impostas, o que valida todas essas mudanças partem especificamente dos sentimentos pessoais de cada travesti. Este processo constituinte da corporeidade travesti não é algo encaminhado para um produto final e coeso. Esta ideia de corpos sem credibilidade e reconhecimento passa por uma reviravolta analítica aos quais agora esses mesmos corpos são problematizados como operadores de resistência e embate ao biopoder.

Butler (2002) salienta que de um corpo despotencializado e fraco surge um corpo empoderado, forte, guerreiro e reivindicador de direitos e que descobre que através de suas ações pode reivindicar por respeito e cidadania. As travestis utilizam de seus corpos como meio de combate a heteronormatividade e desestabilização das questões normativas binárias determinadas pelas práticas sexuais dominantes.

A temporalidade também faz parte do corpo, pois através das lembranças nos remete ao passado, das práticas ao presente e da idealização ao futuro. Para Merleau-Ponty (2006) nossa existência é basicamente corporal, e nossas opções passadas estão sedimentadas em nosso corpo. As roupas e acessórios ditos femininos revelam a construção da corporeidade travesti ao qual demandam técnicas e truques de aperfeiçoamento com o uso de silicone e hormônios ao qual demanda certo tempo e dinheiro.

“O corpo aqui funciona como parâmetro de dinheiro. Aquelas que tiverem mais curvas, silicone e forem femininas são as que rendem mais” (Entrevista com a travesti A em Novembro de 2023). Na fala da travesti percebemos que o tempo pode ser sinônimo de amigo ou inimigo das suas nuances, pois aquela que estiver mais corporificada será a mais desejada, enquanto aquela que ainda está no começo do processo de mudança corporal não será tão bem vista.

Assim sendo, o corpo e corporeidade das travestis são produzidos socialmente. Portanto, se faz presente uma discussão geográfica a respeito das imposições e papéis de gêneros e suas relações socioespaciais e socioterritoriais construindo um contexto retórico, provocador e paradoxal.

Silva (1993) afirma que são corpos sem trégua, corpos aos quais tudo se nega e que se constroem nas frágeis, porém, sustentáveis e por vezes eficazes redes. São corpos fincados no consumo do prazer, nos ardores e cicatrizes corporais e na exaustão diária de seus deslocamentos noturnos. Na corporeidade não há performances estáticas, mas o deslocamento da subjetividade de cada indivíduo como resultado da funcionalidade dos atos de suas vivências.

O sistema de objetos e o sistema de ações podem ser pertinentes à travesti, pois o corpo tem se configurado como um espaço social e político que se utiliza de ferramentas corporais para traçar os desejos e experiências das travestis. Já a corporeidade aparece como modificações feitas ao longo do tempo com o propósito de construção da feminilidade. Santos (1996) corrobora que é a partir da corporeidade

que o homem participa do processo de ação condizente com a produção do espaço enquanto elemento intrínseco de sistemas de objetos e sistemas de ações.

Portanto, o sistema de objetos aplica os procedimentos decorrentes da subjetividade como meio de mudança corpórea, enquanto o sistema de ações concede aos instrumentos criados como propriedades, comportamentos e práticas próprias das travestis. Esses dois sistemas partem de suas especificidades individuais para a constituição de um sistema maior que é a travestilidade.

As travestis utilizam desses sistemas como forma de rearticulação que esgueiram e superam as normas fixadas e imóveis impostas pela cismatrizidade. Ou seja, são frutos da interação das particularidades e práticas que são pensadas de acordo com seus regimentos sexuais. Como afirmam Azevedo, Pimenta e Sarmento (2009), a Geografia tem uma multiplicidade de estudos que levam em consideração o poder regulador do espaço na formação de subjetividades concretas e corporalizadas. Essas leituras são feitas através desses corpos que se deslocam e se constroem na busca por uma identidade, grafando a partir de suas experiências e trajetórias as dimensões sensoriais que se registram e são registradas nas suas rotinas diárias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As falas das travestis ao longo deste estudo apresentam lembranças individuais e particulares de cada uma e ao mesmo tempo se entrelaçam construindo as intersubjetividades. Passerini (2007) sustenta que a intersubjetividade é o intercâmbio entre as vivências e o tecido de narrativas do imaginário social afetadas pela constante autorreflexão e colaboração. Os compartilhamentos dessas histórias de vida possibilitam uma percepção sensível, utilizando da transgressão como uma capacidade de autoafirmação. Então, essas relações intersubjetivas fazem com que emerja uma relação dos mais variados sentimentos entre elas e a sociedade e entre elas e o pesquisador.

Esta pesquisa foi abordada por um controle ao qual não vivo, mas consegui de alguma forma detectar através das relações que criei ao longo do trabalho de campo. Na tentativa constante de apagamento e silenciamento, este poder não se deliberou sobre mim, um homem cisgênero, branco, mestrande e galgando de privilégios. Entretanto, sensibilizou-me e afetou-me os relatos delas sobre isso. Espero que este estudo sirva de base para novos aprendizados.

É importante frisar que a Geografia deve ser usada para assimilar também as questões de gênero e sexualidade de uma forma integral, pois é importante compreender como esses conteúdos se associam com fatores geográficos.

Mesmo que os rótulos sociais ainda atravessem excessivamente suas ações e a heteronormatividade permaneça a conduzir e comandar eloquentemente seus corpos, as travestis desta pesquisa constituem novas formas de hábitos e costumes através de táticas de sobrevivência e resistência para manutenção de suas vidas vista as adversidades que são submetidas.

O fortalecimento e modificação corporal das travestis possui sua dinamicidade temporal, pois estas intervenções ocorrem de acordo com os seus desejos e necessidades, além disso, ainda existem as recomendações das bombadeiras, cafetina e madrinhas que são componentes essenciais para a composição da corporalidade. “Assim, o corpo humano é um projeto inacabado, que a cada instante nos transforma em outro” (Alves, 2010, p.71).

Evidenciamos, portanto, que a corporeidade para as travestis atravessam a capacidade de transformar e serem transformadas, são elementos existentes na sua totalidade através de processos históricos, culturais, políticos, sociais e geográficos. Estas relações corpóreoespaciais possibilitam a ocupação de certos espaços pelo qual as travestis lutam diariamente, provocando certa ruptura no sistema cisnormativo.

Persuadidas pelas demandas do mercado, as travestis acabam por conduzir sua corporeidade no modelo ideal mais próximo do feminino. Quebrando obstáculos de gênero, criam seus próprios mecanismos, práticas e sintaxes de transformação da corporeidade. Suas histórias nos possibilitaram entender esse jogo corporal ao qual elas estão inseridas e seus motivos para tamanha modificação.

Uma travesti não se transforma apenas com trejeitos, roupas e adornos femininos, é preciso hormônios para aperfeiçoar e arredondar seu corpo, o silicone para dar formato e opulência aos seios e bumbum. A dor é inevitável e se transforma em uma marca registrada que traz significação a sua vivência e se torna um símbolo de suas lutas.

Portanto, o corpo não é apenas um efeito de ações históricas, sociais e contraposições ao sistema heteronormativo vigente. “O corpo como estatuto da existência, em diagramas sociais, torna-se corporeidade que sofre representações” (Chaveiro, 2012, p. 277). Nesta concepção adotada aqui, o corpo é considerado

protagonista e motor do movimento que vai definindo os limites e possibilidades de ocupação do território.

E a corporeidade das travestis como produtor de práticas e subjetivação de experiências com base nas relações construídas entre sujeitos, ideias, instituições, discursos, afetos, instrumentos que formam sua identidade social na luta pela resistência e sobrevivência a todo esse dinamismo.

São conhecimentos situados, com respostas parciais deixando claro que o que foi perguntando e investigado não se abrange a sua totalidade. Enfim, refletir, traçar e humanizar as falas das travestis neste trabalho nos trouxe uma pragmática atual, pois cada narração contada pela linguagem própria nos faz considerar a existência e importância desses indivíduos e os relatos, fatos e acontecimentos contados é a garantia que suas histórias e enredos não sejam esquecidos pela sociedade e nem pela academia.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Carolina do Norte. **A cidade inscrita no meu corpo:** gênero e saúde em Presidente Prudente - SP. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – SP, 2010.

AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. As Geografias culturais do Corpo. *In:* AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (Coord.). **Geografias do corpo:** Ensaios de Geografia Cultural. Porto: Figueirinhas, 2009, p. 11-30.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita:** corpo e gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção. *In:* MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther (Orgs). **Qual o espaço do Lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.279-303.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Escrevências trans\* como potência. **Revista FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 59, p. 329 – 344, jul/set, 2020.

GONÇALVES, T. F. **Rua, substantivo feminino: mulheres em movimento e o direito ao corpo na cidade.** 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, Porto Alegre, 2019.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da Terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 75 – 90, mar – jun. 2020.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Rio de Janeiro - RJ: Martins Fontes. 2006.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-criticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NUNES, Camila Xavier. **Um diálogo entre espaço e corpo em Salvador.** 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids.** São Paulo: Annablume - Fapesp, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RAMOS, E. C. M.; MILANI, P. H. O corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 52, p. 2-18, Maio. 2022.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a Economia Política do sexo. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.

SANT'ANNA, D. B. Horizontes do corpo. In: BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. (Org.). **Corpo território da cultura.** São Paulo: Annablume, 2005. p.119-134.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHNEIDER, Carlos Eduardo da Costa. **O corpor ser.** 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) – Pós-Graduação em Ciências do Desporto, Universidade do Porto – Portugal, 2002.

SILVA, Hélio. **Travesti: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, Hélio. R. S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro - RJ: Rocco; 2007.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir e ORNAT, Marcio Jose. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. **Abordagens Geográficas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 23-41, out/nov. 2010.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Corpo como espaço: um desafio a imaginação geográfica. In: PIRES, C. L. Z; HEIDRICH, Á. L; COSTA, B. P. (Orgs.). **Plurilocalidade dos sujeitos**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56-75.